

Do índio dócil ao menino indígena em alguns textos de Gabriela Mistral

From the docile Indian to the indigenous boy in some texts by Gabriela Mistral

Luciana DI LEONE*

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO: Em 1922, Mistral prepara a pedido da Secretaría de Educación de México, uma antologia de diversos autores (Martí, Vasconcelos, ela mesma, entre outros) e formatos (crônicas, contos, poemas e cantigas), intitulada *Lecturas para mujeres*. Nos textos, a figura do “índio” é recorrente, geralmente uma imagem pacificada, dócil, vinculada à beleza natural e ao artesanato. Já em *Tala*, de 1938, no poema “La tierra” - que traz uma forte dimensão oral, de cantiga - o “niño indio” aparece como figura central mas não mais representado com traços nítidos ou prefigurados, senão no lugar do interlocutor, inclusive chamado de “filho”. Em 1967, de forma póstuma, aparece *Poema de Chile*, ali comparece novamente como interlocutor um menino indígena, mas agora nomeado por sua etnia e atuando como guia do eu poético no percurso de perambulação do país. Observando esses três momentos, este texto pretende interrogar a agência que o indígena opera para refletir sobre as tensões e mudanças dessa subjetividade e sua relação com as formas poéticas consideradas menores.

PALAVRAS-CHAVE: Gabriela Mistral. Indígena. Maternidade. Terra. Poemas menores.

ABSTRACT: In 1922, at the request of the Mexican Ministry of Education, Mistral compiled an anthology featuring various authors (Martí, Vasconcelos, herself, among others) and genres (chronicles, short stories, poems and songs), entitled **Lecturas para mujeres**. In these texts, the figure of the ‘Indigenous’ is a recurring theme, generally portrayed as peaceful and docile, associated with natural beauty and craftsmanship. In *Tala*, from 1938, in the poem “La tierra” – which has a strong oral dimension, reminiscent of a song – the “indigenous child” appears as a central figure but is no longer depicted with clear or predefined features, but rather as the interlocutor, even referred to as “son”. In 1967, posthumously, **Poema de Chile** was published; here, an indigenous boy appears once again as an interlocutor, but now named by his ethnicity and acting as a guide to the poetic self on the journey of exploring the country. By examining these three moments, this text addresses the agency exercised by the indigenous figure in order to reflect on the tensions and shifts within this subjectivity and its relationship with poetic forms considered minor.

KEYWORDS: Gabriela Mistral. Indigenous people. Motherhood. Earth. Minor poems.

* Luciana di Leone é doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (2011), atualmente é professora de Teoria Literária no Departamento de Ciências da Literatura da UFRJ. É bolsista de produtividade CNPq. E-mail: luciana.dileone@letras.ufrj.br.

O de Gabriela Mistral é um nome familiar. Nascida no Chile, poeta, educadora, ganhadora do Nobel. Conhecida com o mote de Mãe de América, de mãe da escola latino-americana. Inúmeras cidades brasileiras, chilenas, argentinas, mexicanas têm ao menos uma escola chamada Gabriela Mistral. Mas, embora o nome seja conhecido, sua obra, tanto poética quanto sua prosa de intervenção, foi menos revisitada – principalmente fora do Chile – do que se esperaria dessa fama. Isso ao menos até recentemente, quando algumas reviravoltas arquivísticas e outras sociais a colocaram novamente em tela, em disputa, em reconfiguração, em leitura.

Algumas características costumam ser apontadas pela crítica para a poesia Mistral como seus traços centrais, características que de certo modo justificaram o seu afastamento durante muitas décadas de leituras acadêmicas, de leituras mais formalistas ou autonomistas. Em primeiro lugar, que seus poemas têm uma relação intrínseca com a educação, com a infância, com a maternidade, tanto pelos seus temas quanto pela sua forma, que remete às cantigas, às rodas. Também, que elas são devedoras de um projeto mais educacional e formativo de uma identidade latino-americana, onde a mulher e o indígena seriam figuras centrais.

No entanto, que esses elementos sejam unanimemente apontados, não significa que não tenham estado sujeitos a disputas críticas. Licia Fiol-Matta, no começo dos 2000, em um dos estudos mais importantes sobre a figura e a obra de Mistral, observa esses mesmos elementos apontando tensões entre a construção da sua figura pública e a construção da mulher nos poemas, a partir das quais se desenha – e não contradições – a figura de uma “mãe para a nação”, mas uma mãe *queer*, que não encaixa de forma total nos estereótipos da feminilidade, e que inclusive se realizaria de forma mais plena na dedicação total, celibatária, aos filhos do país e do mundo, não necessariamente aos próprios. Portanto, essa figura *queer* nunca se circunscreveu ao âmbito privado. Assim como não consistiu em um desvio da heterossexualidade compulsória. Fiol-Matta nos mostra que a dimensão *queer* de Mistral não ficou no armário junto com a sua sexualidade (já que ela que nunca assumiu ser lésbica publicamente); pelo contrário, a dimensão *queer* fez parte da construção da sua figura, sua pose estratégica em um momento em que a intelectualidade latino-americana tinha a urgência de uma missão identitária, nacional e regional. Nesse tabuleiro da construção do futuro no começo do século XX, Mistral se

anuncia numa ambivalência sutil e poderosa, como uma mãe (sem filhos) e como uma mestiça (branca). Assim, para Fiol-Matta, ela seria o exemplo da intelectual *queer* que, através da sua figura e seu discurso ligado à natureza e às letras humanistas, se tornou útil tanto à normatividade sexual quanto à racial – ambas tramas biopolíticas reprodutivas e pilares dos projetos modernizadores nacionalistas do começo do século XX, já que posar faz parte da efetividade do nacionalismo (2002, p. 229).

Fiol-Matta mostra, então, que é necessário examinar a sexualidade e a questão racial – indígena – enquanto entrelaçadas para entender a complexidade da figura de Mistral. Mas poderíamos acrescentar um terceiro elemento – curiosamente o menos trabalhado pela crítica, mesmo se tratando de uma Nobel da Literatura – que deve ser colocado em relação: a análise dos seus poemas indo além das suas propostas temáticas e das figuras convocadas, observar o plano formal desses textos que flertam com as formas menores, cantigas, redondilhas, pequenas prosas endereçadas, assim como seus modos e momentos de publicação e circulação, para tentar retroalimentar tanto a reflexão que se propõe tanto sobre o gênero quanto sobre a raça. Quero ler aqui com um olhar literário, embora não como um olhar autônomo, algumas mobilizações do indígena em alguns textos diversos de Mistral.

1. Redistribuir a literatura

Mistral foi convidada em 1922 por José Vasconcelos, Secretario de Educación Pública do governo de Álvaro Obregón (1920-1924), para colaborar no processo da reforma educativa mexicana. O México pós-revolucionário tinha se colocado como missão na Constituição de 1917, depois dos convulsionados anos dos levantes, o fortalecimento da educação sob a tutela do Estado, não atrelada a correntes pedagógicas específicas, mas a uma necessidade de “profusão de ideias”. Como parte do seu trabalho de colaboradora, Mistral publicou *Lecturas para mujeres*, com uma tiragem de espantosos 20.000 exemplares. O livro respondia à vontade de ensinar a viver em melhores condições de vida ao campesinado, mesmo que declaradamente se endereçasse como uma espécie de lembrança às alunas de uma escola “hogar” [casa] industrial da cidade do México batizada com o nome da autora e onde ela ministrava aulas.

Mistral, já tinha trabalhos como poeta, mas em lugar de um livro de poemas próprios, ela monta uma antologia. Como explica na sua introdução – “Palabras de extranjera” –, ela parte do diagnóstico de que as “lições” escolares são geralmente ministradas por professores entediados, sem frescor, sem espírito, sem vida, sem imaginação, que vão fazendo murchar o desejo de aprendizado. Seria necessário então que um texto destinado à sala de aula mostrasse uma linguagem viva, vibrante e, já que suas alunas não irão estudar humanidades depois – trocado em miúdos, que serão operárias –, é necessário que seja oferecido a elas “o melhor da literatura” (p. 7).

Mistral critica ainda outros livros didáticos que oferecem uma instrução excludente, pois em um mesmo livro seriam orientados às mulheres conhecimentos relacionados ao doméstico e a tarefas manuais e pouco dedicados a reflexões filosóficas ou históricas, o que impedia a singularização da formação das mulheres em um sentido filosófico e social: uma formação para a maternidade, seja ela concreta ou espiritual. Essa formação é a que Mistral pretende oferecer, tal como se reflete no sumário.

Figura 1

INDICE	
	<u>Páginas.</u>
INTRODUCCIÓN.....	7
HOGAR	
A) La casa y la familia.....	21
B) Maternidad.....	69
México y la América española.....	97
Trabajo.....	189
MOTIVOS ESPIRITUALES	
A) La caridad.....	211
B) Literatura y artes.....	239
C) La vida superior.....	267
D) La voluntad.....	305
E) Los muertos.....	315
F) La alegría.....	323
G) Motivos de Navidad.....	335
NATURALEZA	
A) La tierra.....	351
B) Motivos del mar.....	361
C) La vegetación.....	373
D) Animales.....	395
447	

Lecturas para mujeres (Secretaría de Educación, Departamento Editorial, México, [1923] 1924, p. 447.

Isto que a princípio parece ser uma lição para futuros “anjos do lar”, olhado de perto, se mostra diferente. Para Mistral, a maternidade é uma posição política – diferenciada, sim, da posição masculina; associada, sim, a questões biológicas –, não restrita ao doméstico. Esse sumário deixa ver que a mulher deveria aceder a uma formação para pensar o trabalho, a natureza, a justiça social, desde o que hoje chamaríamos um lugar situado, mas que Mistral entendia de uma forma mais condicionada biologicamente do que posicional, como uma especialização dos gêneros na sua participação social (Montes de Oca, 2004, p. 192). Em outras palavras, temos aqui um livro titulado *Literatura para mulheres* o que marca divisões binárias de gênero incontestáveis; mas não temos, como era comum na época, nenhum texto dedicado aos trabalhos domésticos, ou técnicas de criação, típicas da política maternalista que começa a se instalar em América Latina como explica Marcela Nari (2004), nem que advogue pela submissão. A meta é instruir as mulheres não através de leituras utilitaristas, mas do direito à literatura e à filosofia. Mistral declara nas suas palavras preliminares que a forma feminina do patriotismo, ou seja, o papel político das mulheres é a construção de uma maternidade material e espiritual, a material habitando em gestos concretos de cuidado, e a espiritual numa perspectiva comunitária, desde um lugar autodeterminado pelas próprias mulheres, pois declara que está na hora de nós mesmas assumirmos o que entendemos por formação da mulher. Para ela, haveria um modo de construir a nação menos heroico (e, de cara, menos nacionalista já que é uma “estrangeira” quem quer falar não apenas com a mulher mexicana, mas com a latino-americana): “Otra forma de patriotismo que nos falta cultivar es esta de ir pintando con filial ternura, sierra a sierra y río a río, la tierra de milagro sobre la cual caminamos. Nuestra poesía descriptiva es casi siempre bélica y grandilocuente; nuestra prosa descriptiva no es siempre artística” (Mistral, 2023, p. 14).

Se não propõe uma formação técnica da mãe, o que, então, Mistral escolhe e oferece para as alunas? Temos, sob as rubricas do sumário textos do chileno Pedro Prado, do espanhol Eduardo Marquina, de Walt Whitman, Rushkin, Tagore, Kierkegaard, Juarros, Juana de Ibarburu, Sor Juana Inés de la Cruz, Leopoldo Lugones, José Asunción Silva, Enrique Rodó, José Santos Chocano, do secretário de educação José Vasconcelos, e textos dela própria. Como dissemos, são textos variados – poemas, prosas, fábulas,

ensaios, retratos –, mas de modo geral são curtos, de maioria de autores contemporâneos, hispano-americanos e, embora na sua habitual minoria, é importante sublinhar que há autoras mulheres.¹ É, assim, um projeto autorreferenciado e politicamente situado, que propõe uma redistribuição do cânone literário e das leituras dadas ao campesinado, aos trabalhadores da incipiente indústria e, neles, especialmente às mulheres.

2. Indígenas, mães, terra: um projeto modernizador

Entre os textos de *Literatura para mulheres*, quero me deter em alguns dos que ela se autopublica, que na sua maioria apostam na encenação de uma primeira pessoa que enuncia e observa o mundo desde um lugar que se afasta da autoridade e da retórica elevada, se posicionando na oralidade e na coloquialidade, e em formas que costumam ser entendidas como literariamente menores: “recados”, cantigas, rondós, perfis ou retratos.²

“Recuerdo de la madre ausente”, da primeira seção do livro “Hogar”, é uma prosa de Mistral em que a narradora se endereça à mãe quando, olhando para as montanhas mexicanas, lembra-se dela e de seus ensinamentos. Lemos:

¹ No total o livro inclui 227 textos, distribuídos da seguinte maneira: “Hogar”, 53 (23.4%), “México y la América Española”, 47 (20.7%), “Trabajo”, 10 (4.4%), “Motivos espirituales”, 69 (30.3%), “Naturaleza”, 48 (21.2%). Estes textos, na sua maioria fragmentos ou poemas incluídos em livros maiores, são de 121 autores, com 4 anônimos. A respeito da nacionalidade deles, 66 são europeus (54.5%), 49 (40.5%) americanos (dos quais 46 latino-americanos), e dois asiáticos (1.7%), segundo os dados sistematizados por Montes de Oca Navas (2000, p. 190)

² Magda Sepúlveda em “Riendo risa india: consejos para llegar desde la provincia al Nobel” nos diz que Mistral teria operado cinco estratégias para conseguir fazer dialogar a sua produção com o cânone. A primeira foi publicar, publicar e publicar: primeiro em revistas locais, depois em grandes periódicos, mas publicar sempre. A segunda, se deslocar por diversas cidades. A terceira, participar de concursos, marcando presença e gerando visibilidade. A terceira, adotar os clichês literários, sejam temáticos ou formais, e deformá-los; isto que implicava não escrever de um modo vanguardista, de extrema experimentação, mas também não adotar as posturas classicistas. Em quarto lugar, esconder a sua vida íntima e pessoal, criando ao mesmo tempo uma aura intrigante mas, principalmente, sublinhando que ela era exclusivamente uma figura pública. E por último, estabelecer redes políticas. A terceira estratégia, a da incorporação e deformação do clichê, aparece em *Ternura* de forma exemplar, onde segundo Sepúlveda: “Usando la retórica de la cadenilla, ‘encadenamiento entre dos versos consecutivos mediante la repetición, anafórica, en el segundo de ellos, del último término del primero’, Mistral elabora la subjetividad de una mujer impedida de ver. Es decir, Mistral trabaja sobre temas cliché, como las canciones de cuna o las rondas para desmontarlos y evidenciar la rotura de esas concepciones” (2014, p. 23). Isto marca inclusive uma diferença entre os próprios textos e alguns dos outros dos escolhidos para compor o livro, por exemplo: enquanto dela mesma publica redondilhas, de Rubén Darío recupera o seu tradicional e elevado decassílabo.

No hay ritmo más suave entre los cien ritmos derramados por el *primer músico*, que ese de tu mecedura, madre, y las cosas plácidas que hay en mi alma se cuajaron con ese vaivén de tus brazos y de tus rodillas.
Y a la par que me mecías me ibas cantando, y los versos no eran sino palabras juguetonas, pretextos para tus *mimos*.
En estas canciones tú me nombrabas las cosas de la tierra: los cerros, los frutos, los pueblos, las bestiecitas del campo, como para domiciliar a tu hija en el mundo, como para enumerarle los seres de la familia, ¡tan extraña!, en que la habían puesto a existir (Mistral, 1924, p. 33).³

Nesta lembrança se sublinha que a mãe ensinou através do canto, do contato corporal e da nomeação das coisas do mundo, ao mesmo tempo em que nunca exigiu da filha que estivesse quieta para receber ou escutar seus “ensinamentos”, ao mesmo tempo, a mãe saudosa aceitava a “estranheza” da filha, que conversava com árvores e pedras, construindo uma dupla pouco tradicional de mãe e filha, de maestra e aluna. No presente, a narradora, que sempre se lembrara da companhia corporal da mãe, do gesto de brincar com sua blusa, se enuncia no entanto “caminando sola, sin el arrimo de tu cuerpo”.

Por outro lado, essa imagem central da mãe se mostra fortemente associada não a uma entidade humana, mas à terra, como também no texto “Imagen de la Tierra”, algumas páginas mais à frente, onde a terra é aproximada da mãe na dimensão corporal do cuidado, do pegar no colo, de *aupar*, de colocá-la sentada nos joelhos e de andar junto (“La Tierra tiene la actitud de una mujer con un hijo en los brazos [...] Voy conociendo el sentido maternal de todo”; Mistral, 1924, p.72). As coisas da terra se mencionam como “família”, uma família estranha, não associada a uma linhagem fixa, mas ao convívio e à nomeação feitos através do canto e do corpo a corpo. É nomeando as coisas do mundo, isto é, nomeando essa família não apenas humana, que a sujeita se domicilia com/no mundo, que habita com/nele.

Além dessa mãe, outra figura será construída nesses textos a partir da atenção para o corporal e para o contato com a terra: o indígena. Em “Silueta de la india mexicana”, a descrição da forma e das vestimentas da indígena, seus trajes “típicos” exotizados como

³ Versão: Não existe ritmo mais suave entre os cem ritmos derramados pelo primeiro músico do que o do teu balanço, mãe, e as coisas plácidas que há na minha alma coalharam nesse vai-e-vem dos teus braços e joelhos. E, ao passo que me embalavas, cantavas para mim, e os versos não eram outra coisa que não palavras brincalhonas, pretextos para teus carinhos. Nessas músicas nomeavas as coisas da tierra: os morros, os frutos, os povoados, os bichinhos do campo, como para domiciliar a tua filha no mundo, como para enumerar os seres dessa família, tão estranha!, na qual tinha sido colocada para existir.

é bastante comum nas crônicas coloniais, vai ser precedida e pautada pelo mesmo verbo: “caminar”.

Camina y camina, de la sierra de Puebla o de la huerta de Urulpán, hacia las ciudades; va con los pies desnudos, unos pies pequeños que no se han deformado con las marchas (...). Habrían sido una raza gozosa; los puso Dios como a la primera pareja humana en un jardín. Pero cuatrocientos años esclavos les han desteñido la misma gloria de su sol y de sus frutas; les han hecho dura la arcilla de sus caminos, que es suave, sin embargo, como pulpas derramadas (Mistral, 1924, pp. 121-122).⁴

Temos um passado desenhado com um perfil edênico. O casal indígena estava em um jardim, criaturas colocadas por Deus, como o outro casal, o primordial. Com eles, geografia mexicana, a argila que compõe os caminhos, o corpo dos próprios indígenas, são mostrados como suaves, macios, belos, miúdos, solares e frutais. A eles se contrapõem os anos da escravização colonial, embrutecedora, endurecedora. Mas a figura da mulher indígena adquire um papel relevante: é aquela cujos pés, cujo contato com a terra e com o mundo, não se deformou; aquela que, mesmo na cidade, pode preservar algo de originariamente belo. A mulher indígena se delineia como uma espécie de receptáculo, vedado, onde a raça se mantém “pura” (Fiol-Matta, 2002, p. 241), sob a condição de se manter também passada, longínqua, intocável. Com ela, a figura do indígena se mostra enquanto uma origem que deve ser valorizada e reconhecida, mas que para permanecer intacta precisa operar apenas em um passado mítico, enquanto hoje, já que sua pureza é impossível, precisa ser integrada.

Embora Mistral denuncie em inúmeros textos a exploração das populações indígenas e a perversidade da negação nas recentes nações latino-americanas da parcela indígena que as compõem, ela considera o aprendizado da língua espanhola e da cultura letrada – a aquisição de uma nova cultura – como incontornáveis para a modernização, e a integração desses povos. Uma integração que se vislumbra como inquestionável em um princípio positivista da história, no projeto civilizatório moderno em que é o camponês, o mestiço, o principal agente: a desejada “raça cósmica” vasconceliana, resultado da

⁴ Versão minha: Anda e anda, das serras de Puebla ou do horto de Urulpán, em direção às cidades; vai com os pés nus, uns pés pequenos que não se deformaram com a caminhada (...). Teriam sido uma raça gozosa; Deus os colocou como ao primeiro casal humano em um jardim. Mas quatrocentos anos escravizados desbotaram a glória do seu sol e de suas frutas; endureceram a argila dos seus caminhos, que é macia, no entanto, como polpas derramadas.

mestiçagem que, no entanto e como sabemos, nunca é pacífica nem espontânea.⁵ No México da época, o 74 % da população era rural, classificada como indígena ou mestiça, então, as mulheres às quais o livro se endereça são mulheres que dentro desse campesinado predominantemente indígena estão também se urbanizando e formando técnica e industrialmente, que devem invisibilizar justamente essa identidade indígena em prol de uma justiça social moderna.

Nesse sentido, nos textos de Mistral que compõem o *Lecturas para mujeres* podemos ver uma espécie de passagem aparentemente sem tensões, de uma destinatária nomeada como uma “mulher indígena” para uma “mulher mexicana”. A mulher indígena é subsumida na figura da mulher mexicana e mãe que, ela sim, vai ser pensada como um agente político a partir do que se deve alcançar tomando como potências traços já presentes, mas modernizando-os. O traço indígena funciona como um princípio de vínculo com a terra e com a corporalidade e com uma ideia política de maternidade (“Yo te amo, Madre mexicana” [...] “En tus rodillas se mece la raza entera”; Mistral, 1924, p. 175), mas não se deve conformar com esse imediatismo. Escreve Mistral em “A la Mujer mexicana”, talvez o texto mais programático do livro na sua politização da maternidade e na modernização dessa sujeita política:

Madre mexicana: reclama para tu hijo, vigorosamente, lo que la existencia debe a los seres que nacen sin que pidieran nacer. Por él tienes derecho a las grandes solicitudes. Pide para él la escuela soleada y limpia; pide los alegres parques; pide las fiestas de las imágenes, en el libro y en el cinema educador; exige colaborar en las leyes, pero cuando se trate de las cosas que os manchan u os empequeñecen la vida, puedes pedir leyes que limpien de vergüenza al hijo ilegítimo y le hacen nacer paria y vivir paria en medio de los otros hijos, y leyes que reglamenten vuestro trabajo y el de los niños, que se agotan en la faena brutal de las fábricas. Para esto podréis ser vehementes sin dejar de ser austeras; vuestra palabra no será grotesca; hasta tendrá santidad. (Mistral, 1924, p. 175).⁶

⁵ *La raza cósmica. Misión de la raza iberoamericana*, de José Vasconcelos (1925), propõe a existência de uma raça futura, refutando certas ideias de superioridade racial darwiniana, alicerçada na mestiçagem.

⁶ Versão minha: Mãe mexicana: pede para o teu filho, vigorosamente, aquilo que a existência deve aos seres que nascem sem que pediram nascer. Por ele, tens direito às grandes solicitações. Pede para ele a escola ensolarada e limpa; pede os parques alegres; pede a festa das imagens, no livro e no cinema educador; exige colaborar com as leis, mas quando se trate das coisas que os mancham ou apequenam a vida, deves pedir leis que limpem a vergonha do filho ilegítimo, que lhe fazem nascer pária e viver pária no meio de outros filhos; e leis que regulem, seu trabalho e o das crianças, que se esgotam na faena brutal das fábricas. Para isso poderias ser veemente sem deixar de ser austera. Tua palavra não será grotesca, terá até santidad (Mistral, 1924, p. 175).

A imagem do indígena, ou melhor, da indígena, que se constrói em *Lecturas para mujeres* é portanto inseparável da situação histórica na qual o livro pretende intervir e dos pressupostos programáticos do indigenismo integrador do governo pós-revolucionário, que passa por essa estratégia ambígua da valorização do indígena e da sua exclusão. De certo modo, a forma de apagar o indígena é valorizá-lo nos seus traços estéticos e éticos, para que sejam a base para o homem novo, e não mais ele mesmo. A figura de um indígena dócil, belo, que como a mãe mistraliana conhece a terra e a sabe trabalhar em prol da comunidade, se instala.

Instala-se, na verdade, uma tríade –indígena, mãe, terra – tão programática quanto problemática. As consequências são enormes. Segundo Licia Fiol-Matta, Mistral seria, enquanto participante ativa no desenvolvimento de uma política educativa e pelo grande sucesso da sua construção enquanto intelectual, uma das responsáveis da consolidação dessa imagem de um índio belo, dócil e passado nas escolas:

Mistral incorporou a imagem pedagógica do índio e do mestiço. Graças a ela, essa imagem chegou às escolas de América Latina. (...) Mistral ofereceu uma fábula atraente: um objeto bonito confundido com um feio, um ícone milenar e singular fatalmente apartado da vida social, uma estranheza merecedora de uma curiosa combinação de admiração e pena. Essa narrativa mostrou como foi possível amar e desprezar o outro (Fiol-Matta, 2000, p. 235)

A história da educação em América Latina torna a afirmação de Fiol-Matta incontestável, mas talvez seja ainda possível observar movimentos da tríade indígena, mãe, terra, em outros livros menos programáticos, onde ela pode ser associada com reivindicações vivas de pertencimento, onde podemos perceber algumas indocilidades ainda por ler.

3. Indígenas, mães, terra: um lugar depois da nação

A figura do índio dócil, mítico e objetificado de *Lecturas para mujeres*, no entanto, vai tomando contornos diferentes nos textos de anos posteriores, e se torna visível

em *Tala*, de 1938, e principalmente no póstumo *Poema de Chile*, como veremos. Por um lado, é significativo que, em lugar de um indígena genérico, em *Tala*, e depois nas reedições de *Ternura* de 1945,⁷ Mistral vá dando espessura à figura, mobilizando imaginários diferenciados para o mundo asteca ou para o mundo andino quechuanizado, o que corresponderia ao processo guerras incas no território do Atacama. Aparecem menções mais definidas a povos com características diferenciadas ao menos na nomenclatura: “Canción quechua”, “Arrullo patagón”. Nos livros posteriores, será possível ler a menção a indígenas Boricuas, “de Mitla”, pehuenches, mapuches, diaguitas, atacameños, o que dá certa uma pluralidade e uma densidade mesmo que incipientes, ao genérico “índio”. Mesmo que não deva ser interpretado como programa, isto marca um gesto de certa singularização dos povos muito diferente do projeto vasconceliano.

Por outro lado, mais significativo ainda em um esforço de singularização do indígena, é o lugar que toma nas relações de enunciação. Vejamos um poema⁸:

La tierra

Niño indio, si estás cansado,
tú te acuestas sobre la tierra,
y lo mismo si estás alegre,
hijo mío, juega con ella...

Se oyen cosas maravillosas
al tambor indio de la tierra:
se oye el fuego que sube y baja
buscando el cielo, y no sosiega.

⁷ *Ternura* é o segundo livro de poemas de Mistral – o primeiro é *Desolación* (1922) –, que na sua primeira edição de 1924 tinha o subtítulo de “Canciones para niños”. Ali se mostram algumas das características já mencionadas no começo: está composto por textos que se vinculam a uma tradição oral, com formas poéticas consideradas menores ou infantis, como as rondas, as cantigas, os pequenos recados. Isso associado a um tom de conversa, com certo léxico regional e oralizado. Estas características serviram inclusive à sua autora para chamar o próprio livro de “pueril”, mote com o qual poderia circular sem ares de pretensão intelectual, colocando-se a princípio também longe de um projeto modernizador. Em 1945, *Ternura* é reeditado em 1945 por Espasa Calpe, na Argentina, adicionando vários dos poemas de *Tala* e reorganizando todas as seções em um projeto mais claramente pedagógico, onde as canções para criança tomam um viés mais escolar, como explica Jaime Quezada (2020, p. 21).

⁸ Entre colchetes, incluo as modificações realizadas na versão publicada em *Ternura* de 1945 (cf. Mistral, 2020).

Rueda y rueda, se oyen los ríos
en cascadas que no se cuentan.
Se oyen mugir los animales;
se oye el hacha comer la selva.
Se oyen sonar telares indios.
Se oyen trillas, se oyen fiestas.

Donde el indio lo está llamando,
el tambor indio le contesta,
y tañe cerca y tañe lejos,
de que huye y de que regresa... [como el que huye y que regresa...]
Todo lo carga, todo lo toma [Todo lo toma, todo lo carga]
y no hay tesoro que lo pierda, [el lomo santo de la tierra:]
y lleva a cuestras lo que duerme, [lo que camina, lo que duerme,]
lo que camina y que navega, [lo que retoza y lo que pena,]
y lleva vivos y lleva muertos
el tambor indio de la tierra.

Cuando muera, no llores, hijo:
pecho a pecho ponte con ella
y si sujetas los alientos [te sujetas pulso y aliento]
como que todo o nada fueras,
y la madre que viste rota [tú escucharás subir su brazo]
la sentirás volver entera, [que me tenía y que me entrega]
y oirás, hijo, día y noche, [y la madre que estaba rota]
¡caminar viva tu madre muerta! [tú la verás volver entera!]

(Mistral, 1938, pp. 221-222 [2020/1945, pp. 156-157]).

Este poema aparece na seção “La cuenta mundo”, na qual se articula uma voz que vá contando – tanto narrando quanto enumerando – para um menino aquilo que lhe pertence, as coisas do mundo que já preocupavam Mistral no México, e principalmente os bens comunitários: a água, o ar, a luz, o fogo. A conta-mundo faz aquilo que se dizia era feito pela mãe em “Recuerdos de la madre ausente”: através da enumeração do mundo, mostra e cria a família para – agora – o “filho” indígena. Aqui, o “niño indio” – que eu nomeio como “menino indígena” para sublinhar, talvez forçar, a mudança de perspectiva

– não é figurado de modo nítido, com características físicas, estéticas, percebidas pelo eu, assim como não se mantém inalcançável ou detido em um passado mítico como acontecia em *Lecturas...* Pelo contrário, ele é presentificado ao ser colocado como interlocutor explícito na performatividade do poema.

Mãe e indígena aparecem juntos novamente, e também seu vínculo com “a terra” através da corporalidade e da escuta da natureza. Se nos textos programáticos do projeto indigenista latino-americano, um dos modos da aculturação passava justamente por entender as produções indígenas em um lugar autônomo e moderno da arte, separada do fazer. A música, a alfareria, o tear, costumavam ser destacados como principais valores “artísticos” indígenas, e isto é presente em textos escolhidos para *Lecturas para mujeres*. No entanto, e já que estamos perante um livro quase completamente composto por rodas, cantigas e pequenos “recados”, isto é, textos que não se pensam a si mesmos como autônomos mas que exploram a dimensão ritual da linguagem, é possível afirmar que para Mistral, o canto, a dança, e a música nunca foram entendidos como dimensões artísticas separadas da vida. Se o horizonte epistemológico do progresso modernizador era o da autonomia, este poema de Mistral, mas de certa forma todo seu projeto poético, se vincula, ele mesmo, à dimensão corporal e vivencial da linguagem (Machado, 2012; Spina, 2002), através de uma genealogia não “literária”, ou não moderna. “La tierra” se vincula formal e epistemologicamente às cantigas ibéricas, de ninar, de roda – poemas de corpo, em suma. Seus octossílabos com rimas pareadas, e a rima que se repete ao longo do poema todo, sua acentuação regular, sua previsibilidade vocabular, todo nos aninha na cama familiar burguesa, mas não necessariamente rica. Mas essa corporalidade convocada pela forma menor e pelo poema com função específica - vincular corpo e mundo – vai ser decisiva a meu ver para ler o indígena em outra chave. Para ela, acredito, é pela via da cantiga que é possível aceder a esse modo outro de habitar que será cada vez mais associado ao indígena.

Isto se torna com o tempo cada vez mais palpável na sua produção poética. Sem perder totalmente o exotismo do vínculo entre o indígena e natureza, parece se distanciar de um paraíso perdido e se aproxima mais de uma reflexão do cotidiano e de um futuro outro. Em *Tala*, a ligação a uma comunidade se dá, como sublinha Magda Sepúlveda, pela ingestão de alimentos e líquidos (se abandona a “mesa europeia” por uma comida andina e asteca), por um lado, mas também pela participação em pequenos rituais

cotidianos relacionados à manutenção da vida, dormir, andar, brincar. Em “La Tierra”, dormir e brincar são os primeiros verbos, que tem uma agência complexa, entre quem enuncia e quem faz a ação. É o menino indígena quem sabe escutar o mundo, quem sabe dormir, quem sabe brincar, e se configura como aquele que habita a terra, mas também é ele e essa condição de habitação que permite a sobrevivência de uma mãe, tornada filha de seu filho. Magda Sepúlveda diz que há no livro e através da figura do indígena uma reivindicação de modos latino-americanos de habitar, de práticas vinculadas à alimentação e, ao mesmo tempo, a cultura letrada ocidental e ibérica é colocada em um lugar mais lateral (2014, p. 85).

4. Indígenas, mães, terra: um outro país

Em 1967, Doris Atkinson, detentora dos direitos e companheira de Mistral, organiza e publica o livro *Poema de Chile*.⁹ Trata-se de um conjunto de setenta e sete poemas inéditos de Mistral no qual ela teria trabalhado durante mais de 20 anos período em que, segundo Atkinson nas palavras iniciais, a preocupação de Mistral foi:

escribir poemas sobre toda suerte de asuntos relacionados con su país: cantar sus plantas, animales, los ríos, el mar, los lugares y sensibilizar los problemas del campesino y la reforma agraria; escribir para ella estos poemas no fue un afán literario, sino una necesidad vital (Atkinson *apud* Mistral, 2020b, p. 31).

Pelo fato de ter sido Atkinson quem dá a ordenação final aos textos, não podemos ter certeza se todos eles fariam parte do livro imaginado por Mistral, mas é possível ver certa unidade narrativa e poética na viagem imaginária que constitui o texto, que tem a caminhada como elemento central.

Chama a atenção que sejam novamente empregadas as mesmas expressões: nomear as coisas do mundo, ligadas novamente ao problema da terra, e da distribuição da terra. Se no México da pós-revolução a reforma agrária era o principal foco – daí a importância da construção de um novo sujeito, o campesino –, aqui há alguns elementos diferentes, esse mesmo campesino que tomará a terra, que deve reclamar a terra, deve ter

⁹ Depois da morte de Doris Atkinson e a publicização de muitos novos manuscritos, *Poema de Chile* passou a ser composto de 131 poemas.

sempre presente que, antes de campesino, ele é indígena, inclusive porque os diaguitas chilenos, e as populações originárias do Valle del Elqui eram povos agricultores, de características sedentárias. De fato, em *Poema de Chile*, uma sujeita poética que se apresenta como uma mãe morta – *mama* – é acompanhada por um menino diaguita em um percurso pelo território do Chile desde o Valle del Elqui – lugar de nascimento de Mistral – até Punta Arenas, observando, comentando e dialogando sobre a geografia, a flora, a fauna e as gentes.

Embora os poemas tenham formatos variados, também aqui predominam as características formais do romance espanhol, com uma grande uniformidade métrica, esse gênero para ser cantado e memorizado, reforçando o vínculo com os poemas de corpo. Aqui também o “niño”, como em “La tierra”, não é um objeto exotizado mas o interlocutor ao longo de todos os poemas, inclusive aparecendo a sua fala, dando aos textos uma dimensão dialogada e brincalhona, pois entre perguntas, respostas e observações o menino e a sujeita poética, mãe morta, vão se educando mutuamente. Só que o menino não é nomeado como “indígena”, genérico, mas como “el niño diaguita” ou “atacameño”.

A mãe morta fala permanentemente com o menino, mas não se trata de dar ensinamentos e lições, mas de piadas, duplos sentidos, tagarelices, arremedo de conversa fiada. O que se diz vai denotando um saber que passa pela “loucura”, pelo contato direto com o não entender; não à toa eles se nomeiam um ao outro como “loquillo” (maluquinho), “loca” (louca), “novelero” (noveleiro, imaginativo), “desvariado” (desvairado, louco), sempre em tom de cumplicidade. Enquanto a “mama” vai nomeando, o menino solicita a nomeação “di”, “di” (fala, fala), ao passo que apontam um ao outro e humoradamente as insuficiências de sentido no que se diz, e a necessidade permanente de nomear:

—¿Y cómo lo llaman, di?
A ver si llamado, él habla.
—Oye: se llama Llanquihue,
el indio así lo mentaba.
—¿Y qué dice eso, Llanquihue?
—¡Ay, para nosotros, nada!
Porque fue la vieja gente
la que como Dios mentaba,

y nombrar es un gran arte.
Tú y yo no sabemos nada.
Ellos nombraron palpando
criaturas bien amadas.
(Mistral, 2020b, p. 211)

A agência indígena é aqui a de uma nomeação “apalpada”, que toca: eles nomearam tocando. As velhas gentes “mentaban”, isto é nomeavam, como Deus, mesmo que o menino indígena não saiba hoje os nomes. Assim a *mama* vai ter uma função estranha, *queer*, já que ao mesmo tempo em que vincula o menino com o indígena, como uma mãe, maestra, guia, não se coloca em um lugar estável, ela é um espectro, uma morta viva. Ela sabe coisas, mas principalmente é um saber pelo contato, pela observação imediata, pelos sentidos postos em ação, e pela caminhada que se faz com o menino quem mais sabe de caminhos: “indiecito de Atacama,/ más sabes que el blanco ciego,/ y hasta dormido te llevan/ tus pies de quechua andariego” (Mistral, 2020b, p. 231).¹⁰

—Yo no te cuento la muerte,
ya la tuve y la he olvidado;
pero te cuento el volcán
en cuanto hayamos pasado.
Me gusta oírte la marcha
como de versos contados.
Óyetela tú también
y entiende que va cantando.
Es porque la marcha canta
que en andar nos enviamos.
—Pero yo no te la oigo,
mama, y ambos caminamos.
—Mira la marcha con cifras
que ni vemos ni escuchamos.

¹⁰ É interessante que, em poema de Chile, os textos onde aparece o diálogo com o menino são muito diferentes àqueles onde não existe o diálogo, onde o “indio” é nomeado de forma um pouco mais estereotipada – exaltando o seu vínculo com a natureza, a sua força originária. Existe a possibilidade que sejam poemas de épocas diferentes, mas – mesmo sendo assim – é importante notar que a enunciação está totalmente atrelada à imagem construída.

(Mistral, 2020b, p. 203)

Nomeação e caminhada estão novamente juntos. Ao mesmo tempo em que se anda com o menino, é que vai se nomeando e com isso formando a própria ideia de Chile, embora essa mãe tem receio de que a “caminhada” vicie, apontando ainda que migração e deslocamento puxam em sentidos tão contraditórios e quanto dependentes.

Poema de Chile termina com um poema, “Despedida”, em que a *mama* diz ter vindo de volta à terra para “salvar” o menino, mas não fica claro se essa salvação, esse gesto de tutela maternalista e humanista, foi de fato realizado.

Yo bajé para salvar
a mi niño atacameño
y por andarme la Gea
que me crio contra el pecho,
y acordarme volteándola,
su trinidad de elementos.
Sentí el aire, palpé el agua
y la tierra. Y ya regreso.
(Mistral, 2020b, p. 231)

Sim, utiliza-se o verbo “salvar”; no entanto, podemos ver que “salvar a mi niño atacameño” é tão missão quanto andar la tierra (“andarme la Gea”). No gesto de mostrar o mundo para o menino, a *mama* lembra do seu próprio vínculo com o mundo, ela o sente novamente. Ela vai voltar para o lugar de onde veio, depois de tocar ar, água e terra. O poema fecha desmontando, deixando incompleta a ação de salvação, não há mais uma necessidade de tutela, o indígena já não é, como não era a narradora do “Recuerdo de la madre ausente”, uma criança dócil.

Habitar o mundo

Como entender então a aparente mudança de figuração que vai do índio dócil ao menino indígena? A mudança, embora seja inseparável de certas peripécias históricas: a saída de Chile, o vínculo ufanista com a revolução mexicana, o receio em relação a

projetos nacionalistas – parece ser inseparável de uma perspectiva no uso da linguagem. Quero dizer, ali onde a linguagem mesmo que performando um lugar menor ainda se mostra positiva, educativa, o indígena aparece docilizado, e objetificado. Já quando a forma da linguagem se mostra corporalizada, oral e memorável, a figura parece ganhar outros contornos. Aqueles contornos possíveis nessa forma. A de alguém infantil – sendo que o infantil tem peso especial em Mistral – que será acompanhante e parceiro, na habitação do mundo.

REFERÊNCIAS

AJENS, Andrés. “Lengua, poesía, dinero. Economías de Gabriela Mistral”, **La flor de Extérmino. Escritura y poema tras la invención de Américas**, Ediciones La Cebra, 2011. <http://letras.mysite.com/aaaje190923.html>

FIOL-MATTA, Lícia. **A queer mother for the Nation**. Minneapolis, University of Minnesota Press, 2002.

_____. “‘Mulher-raça’: a reprodução da nação em Gabriela Mistral” (trad. Luis Felipe Soares) [2000]. Estudos feministas, Florianópolis, nro 13, pp. 227-264, maio 2005.

GRANDÓN LAGUNAS, Olga. “Gabriela Mistral y la identidad tensionada de nuestra Modernidad”, *Acta literaria* nro30, 2005, pp.81-96.

MACHADO, Silvia de Ambrosis Pinheiro. **Canções de ninar brasileiras: aproximações**. Tese doutorado. USP, 2012.

MISTRAL, Gabriela. **Lecturas para mujeres. Destinadas a la enseñanza del lenguaje**. México, Escuela Hogar Gabriela Mistral, 1924.

_____. **Tala**. Buenos Aires: Sur, 1938.

_____. **Obra reunida**. Tomo II. Poesía. Santiago de Chile, Ediciones Biblioteca Nacional, 2020.

_____. **Obra reunida**. Tomo III. Poesía [Poema de Chile]. Santiago de Chile, Ediciones Biblioteca Nacional, 2020b.

_____. **Escritos en Brasil: prosa y cartas**. (Carlos Decap, org.). Santiago de Chile: FCE, Ediciones UFRO University Press, 2022.

MONTES DE OCA NAVAS, Elvia. **“Lecturas para mujeres en el México de los años veinte”**, *Sociológica*, vol. 15, núm. 44, septiembre-diciembre, 2000, pp. 181-198.

NARI, Marcela. **Políticas de maternidad y maternalismo político**. Buenos Aires: Biblos, 2004.

QUEZADA, Jaime. **“Referência prologal a Ternura”**, in MISTRAL, Gabriela. **Obra reunida**. Tomo II. Poesía. Santiago de Chile, Ediciones Biblioteca Nacional, 2020.

RUBIO, Patricia. **“Sobre el indigenismo y el mestizaje en la prosa de Gabriela Mistral”**. 1996. pp. 25-40.

SPINA, Segismundo. **Na madrugada das formas poéticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

SEPÚLVEDA ERIZ, Magda. **Mistral: riendo risa india**. Guanajuato: Universidad de Guanajuato, 2014.

SEPÚLVEDA VÁSQUEZ, Carola. **“Gabriela Mistral: autoexílio, danças de roda, recados e experiência postas em circulação como forma de educação”**, *Revista História da Educação*, vol.25, 2021, pp.1-33.